



ISSN 2176-3305

REPENSANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS EM UM ASSENTAMENTO RURAL: ORIGEM, DIFUSÃO E TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO

Lilian de Campos Marinho Cruz¹

Rodrigo Bastos Daude²

Amabile Jeovana Neires Mesquita³

Nayara Ludymilla Pereira da Silva⁴

Gabrielle Correia Silva dos Silva⁵

RESUMO

Este artigo é fruto de um Trabalho de Conclusão, defendido em 2017, intitulado: “A Etnomatemática nos processos de origem, difusão e transmissão do conhecimento matemático no sistema cultural do Assentamento Che-Guevara, Itaberaí-GO”, do Curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Cora Coralina. Objetiva analisar nas relações sociais e produtivas os pressupostos da Etnomatemática no Assentamento Che – Guevara. Desta forma perguntamos: Quais os processos de origem, difusão e transmissão do conhecimento matemático no sistema cultural do Assentamento Che em Itaberaí, Goiás?. Para isso, tomamos dos principais referenciais teóricos, como D’Ambrosio (2002), que descreve o Programa Etnomatemática e a valorização cultural, Bergamasco & Norder (1996), Medeiros & Leite (1999), argumentando sobre a formação de assentamentos rurais brasileiros e sobre o tema de relações sociais. Tomamos as contribuições de Bertti (2002) e Araújo (2005) que apontam os assentamentos como instituições formativas. Especificamente sobre o assentamento em estudo, Santana (2008), contribuem com a história de formação e a trajetória realizada pelos assentados entre os anos de 1996 a 1998. Para a coleta de dados para análise, quanto à metodologia utilizada, nos apoiamos em: Minayo (2016), mencionando a importância de pesquisas qualitativas, observação de

¹ Universidade Estadual de Goiás. liliandecamposmarinho@gmail.com

² Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina (UEG)/Doutor em Educação (UFG). rodrigo.daude@ueg.br

³ Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina (UEG)/ Mestre em Matemática Aplicada (UNESP). amabile_j@yahoo.com.br

⁴ Universidade Estadual de Goiás nayaraludy@hotmail.com

⁵ Universidade Estadual de Goiás,, Campus Cora Coralina (UEG)/Licencianda em Matemática. gabriellerepre2a2015@gmail.com

campo analisado e as entrevistas. A pesquisa inicialmente apresenta a literatura necessária, posteriormente a análise das entrevistas. Ao analisar as entrevistas, percebemos que os assentados não reconhecem suas especificidades necessárias nas tarefas do dia a dia como conhecimento matemático e, além disso, não levam em conta as organizações coletivas durante o acampamento para seus lotes. As atividades desenvolvidas são na maioria das vezes individuais, composta por conhecimentos originados no meio familiar.

Palavras-chaves: Etnomatemática; Assentamento rural; Che Guevara; Educação.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada tem como objeto de estudo, o Assentamento Rural Che-Guevara, localizado próximo à cidade de Itaberaí-Go, região onde resido e participo socialmente com outros assentados em diversas atividades, desde que me casei com o filho de um dos assentados. Ao fazer referência que o assentamento é carregado de história e significado, logo nos perguntamos, onde? E como? Onde essa história social do assentamento que em algumas particularidades é matematizada e imbuída de tanta importância e essencial para a permanência nesta região pode ser presenciada? E a partir de quais instituições, ou até mesmo relações sociais, como a realização de lavouras comunitárias, que grande parte dos assentados agem ativamente e coletivamente, promovem essa “formação social”?

De acordo com os argumentos descritos acima e dos motivos que contribuem para o percorrer da pesquisa, como a valorização do objeto em estudo, o entendimento sobre a formação do assentamento e o conhecimento sobre as principais instituições formativas presentes, o objetivo desta investigação é analisar nas relações sociais e produtivas os pressupostos da Etnomatemática no assentamento Che. Para isto buscamos conhecer sua formação e processo de conquista da terra, bem como as instituições formativas percebidas no assentamento evidenciando as atividades sociais presentes e sua relação na vida dos assentados numa perspectiva Etnomatemática.

Ao entender que nas atividades produtivas e relações sociais há troca de saberes (por vezes matemático) perguntamos nesta pesquisa: Quais os processos de origem, difusão e transmissão do conhecimento matemático no sistema cultural do assentamento Che em Itaberaí, Goiás?

Como aspectos metodológicos da presente pesquisa, apontamos pressupostos da Etnografia, por acreditar que é no dia a dia, vivendo o campo de pesquisa que poderíamos entender o grupo humano. Estando no assentamento, as ferramentas para

coletas de dados, foram a entrevista, que segundo Minayo (2016), permite liberdade ao diálogo, mas imbuída de roteiros e perguntas abertas, determinando o caminho a ser percorrido. Após os dados recolhidos, realizamos análises comparativas à literatura apresentada, promovendo assim um diálogo entre a realidade do Assentamento Che-Guevara e os diversos estudos apresentados sobre Etnomatemática e as diversas relações sociais presentes no assentamento estudado.

2. ASSENTAMENTOS RURAIS

Essa organização territorial denominada assentamento, vem através do Estado como um instrumento para conter conflitos relacionados a não distribuição de terras, para os assentados surge como uma oportunidade de sustentar sua família, de promover justiça, moradia, educação e cidadania (BERGAMASCO E NORDER, 1996).

Os assentamentos são definidos pelo Estado como uma organização territorial de trabalhadores do campo ou da cidade, ou seja, a colocação de uma família numa unidade agrícola para suprir suas necessidades sociais, promovendo crescimento econômico tanto da família quanto da região atendida, objetiva-se a produtividade de terras que anteriormente se definiam como improdutivas. Bergamasco e Norder (p. 7, 1996), os definem como “[...] a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra.” Mesmo que o Estado defina teoricamente os assentamentos como novas unidades de produção agrícola, que beneficiará e proporcionará vários mecanismos aos assentados, sabe-se que na prática isso não acontece, pois promove apenas uma organização territorial que amenize situações de conflitos. Toma-se mão frequentemente ao uso do termo de terra “improdutiva”, para desapropriar fazendas e promover sua “divisão” em pequenas partes para diversos trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra, tornando a terra assim como “produtiva”.

O Estado acredita como crescimento econômico a ocupação em terras anteriormente improdutivas por famílias “sem-terra” ou com “pouca terra”, porém esse processo é bem mais complexo do que parece, pois na realidade, implicitamente quer apenas nos fazer acreditar que seja a “solução” para vários trabalhadores, crendo numa “eficácia”, que se desenrolará unicamente pela aquisição dos lotes, porém há a

necessidade de “condições adequadas” para o manuseio da terra, investimentos para a produção, acompanhamento técnico e valorização da atividade agrícola.

O ponto de vista dos assentados é diferente, os assentamentos rurais se configuram como uma oportunidade de sobrevivência, alimento e de sustentar sua família. Deste lado, essa nova organização territorial representa aos assentados a oportunidade de conseguirem: alimento, moradia, terra, trabalho, justiça social (BERGAMASCO E NORDER, 1996). Os assentados vêem o assentamento como oportunidade de sobrevivência de sua família: alimento, educação, justiça social e cidadania, percebem esse pedaço de terra como esperança, conforto, alívio e uma nova vida. Para eles, reflete a amenização de conflitos, desemprego, êxodo rural e invasão de terras.

Os assentados conseguem se organizar em diversas relações sociais em atividades que reflitam suas experiências e cultura antes do acampamento ou devido a influência da qual no momento fazem parte, enfim, isso reflete sua inserção na região, seu valor como grupo social, remete a sua valorização. Diante disto, apresentamos a seguir a história social, as relações sociais no assentamento P.A. Che Guevara.

3. HISTÓRIA SOCIAL DO P. A. CHE-GUEVARA

A história do P. A. Che-Guevara, iniciou-se no dia 23 de março de 1996, quando um grupo de 300 famílias ocuparam a fazenda de Marcelo Malzoni, denominada Fazenda Santa Rosa⁶ (nome o qual ainda alguns denominam o assentamento), esta ocupação representou a primeira no município de Itaberaí-GO (SANTANA, 2008).

Estas famílias vindas de municípios próximos a Itaberaí, como: Cidade de Goiás, Uruana, Itapuranga, Heitoráí, Uruíta, Inhumas, Trindade, Santa Rosa de Goiás e Campinaçu, encontraram um lugar onde possivelmente poderiam denominá-lo de seu e que segundo Bergamasco e Norder (1996), os assentamentos, como regra geral, não se constituem em mais do que uma sobrevivência temporária às famílias que perderam a terra e voltaram a ter acesso a um pedaço de chão, tendo a oportunidade de recriar seu espaço de desenvolvimento familiar, profissional, cultural e social.

O vínculo afetivo entre as famílias dos assentados promove a permanência e resistência frente às adversidades naturais ou provocadas pelos cidadãos que são contra

⁶A área total desta fazenda era de 4.219,3908 hectares.

a apropriação da terra. Durante o processo de obtenção da terra constroem-se laços afetivos que permanecem durante a vida após o ganho das terras, que promovem relações sociais entre os assentados. Evidenciar estas relações sociais e promove-las no assentamento é caminhar “Etnomatemáticamente”, pois neste momento é que se constroem características culturais próprias e nos assentamentos reconhecemos sua importância.

4. RELAÇÕES SOCIAIS NO ASSENTAMENTO

A luta pelo acesso a terra, desde a formação do grupo até à organização dos assentamentos rurais produziu um aprendizado e gerou saberes para os atores sociais que participaram desse enfrentamento; nesse sentido construíram um saber social. (BERTTI, 2002, p.84).

Nosso pressuposto é que os assentamentos rurais se constituam como um novo espaço educativo às famílias seja nas atividades produtivas do lote, no paiol, na igreja, no salão social (ARAÚJO, 2005). Contudo, quando se tem presente no assentamento, a escola, a troca de saberes e fazeres sociais não ficam restritos a ela, mas também nas particularidades dos lotes e em todos os lugares que se estabelecem relações sociais.

Alguns assentados atualmente ainda se organizam por meio de relações associativas, resquícios dos movimentos populares, principalmente do MST, que valorizavam o trabalho coletivo. Segundo Medeiros & Leite (1999) são formas de associatividade vindas da época de acampamento. Essas relações associativas entre os assentados são atitudes desenvolvidas para aprimorarem suas produções agrícolas, afim de que ocorra a troca de experiências e de força de trabalho entre os mesmos, revelando a transmissão recíproca de saberes e fazeres culturais adquiridos de vivências passadas, que revelam seu valor cultural e uma gama de conhecimento consigo. Quando falamos destes conhecimentos, percebemos o desenvolvimento de leitura, escrita e análise na necessidade de manuseio de alguns produtos agrícolas (ARAÚJO, 2005).

Estes saberes e fazeres que possibilitam as relações sociais e produtivas são carregados de significados caracterizados na luta pela terra. Esta autora descreve que esses aspectos são de homens e mulheres que conseguem reconhecer e refletir sobre a situação que estão vivendo e de como agir diante das circunstâncias encontradas, acrescenta ainda que: “A ocupação de um território lhes ensina coisas sobre organização e união e o planejamento/construção de suas barracas de lona preta rememora e cria

conhecimentos sobre espaço e geometria, sobre a vida na roça, no campo, talvez enterrados no passado longínquo”. (ARAÚJO, 2005, p. 02).

Durante o percurso em que os assentados permanecem acampados, desenvolvem diversos conhecimentos matemáticos, no momento de construção das barracas, observa-se a necessidade de conhecimentos sobre espaço e geometria, que são desenvolvidos e aprimorados de acordo com as necessidades dos indivíduos. Transformam esse conteúdo geométrico em estratégias próprias de seu grupo cultural, desenvolvem sua própria matemática, sua Etnomatemática. Bertti (2002) apresenta no seu trabalho relatos dos assentados, descrevendo e confirmando a ideia de que o processo de ensino/aprendizagem se inicia e se evidencia principalmente no período do acampamento, durante as atividades praticadas por eles, as quais começam a ser praticadas coletivamente

Estes conhecimentos se intensificam na lida do dia a dia no assentamento, na ação de confeccionar a lista de compras, de refletir e pensar nas estratégias agrícolas. Concorrente a isto temos nas reuniões com o sindicato dos trabalhadores, a chance do despertar do reconhecimento de seu papel na sociedade, além da busca de soluções para injustiças vividas no trabalho e na vida, que posteriormente, adquirem capacidade de convergir ideias, ações e planos, a falar e escutar, confirmando uma totalidade (ARAÚJO, 2005).

Se perguntássemos sobre a utilização de conhecimentos matemáticos no decorrer do dia, possivelmente não citariam cenas tão simples, como as citadas no parágrafo anterior, ou afirmariam seu desuso no dia-a-dia. Muitas das vezes não percebem a riqueza cultural presente em suas particularidades que, posteriormente, serão transmitidas e desenvolvidas pelas próximas gerações, as quais tomarão decisões sobre a vida no campo, permanência. Esse todo pode ser composto, por exemplo, na confecção de instrumentos para trabalhar, na dosagem de defensivos, no espaçamento entre plantas durante o plantio, quantidade de adubação, trato dos animais, construções de paiol, curral ou até puxadinhos para se guardar os instrumentos utilizados na roça.

5. ETNOMATEMÁTICA

O programa Etnomatemática traz novas reflexões sobre o conhecimento matemático de diferentes culturas, que deve ser entendido em conjunto, expondo

potenciais e valorizando-os. Percebendo que quaisquer características descrevem sua especificidade cultural e para que compreenda estes aspectos e relacione-se ao objeto em estudo deste trabalho, é necessário discutirmos sua história seguida de seu conceito e as relações de aprendizagem que este programa reafirma, relacionando-as com as atividades no assentamento, promovendo reflexões quanto à origem, difusão e transmissão do conhecimento matemático.

5.1 ORIGEM DA ETNOMATEMÁTICA

O programa de pesquisa que deu origem ao termo Etnomatemática, realizou-se em Mali na África, em 1970, durante uma viagem realizada pelo pesquisador Ubiratan D'Ambrosio, que teria como objetivo principal a busca da Paz consolidada com a modernidade matemática (MELO ET AL, 2011).

Essa busca da “Paz consolidada”, proporcionou a D'Ambrosio o olhar social para aquela comunidade, dirigiu-se no intuito de evidenciar e demonstrar preocupações com diferentes culturas, provocando a ação de ser social, de cuidado, de ética, justiça, perceber o valor social de cada indivíduo, não definir paradigmas que destaca pessoas uma das outras, é ser social e esse contínuo processo percorre um caminho da valorização do ser social, objetivo do programa Etnomatemática.

Segundo D'Ambrosio (2002):

Indivíduos e povos têm, ao longo de sua existência e história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, instrumentos materiais e intelectuais (que chamo ticas) para explicar, entender, conhecer, aprender para Saber e Fazer (que chamo de matema) como resposta à necessidade de sobrevivência e de transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais (que chamo de etnos). (p.60).

Cada grupo social desenvolve culturalmente meios concretos ou intelectuais, para conseguirem entender, explicar, desenvolver, manusear, os diferentes aspectos do espaço em que vivem, na forma que possam aproveitar e se desenvolverem da melhor forma possível. Possibilitam o desenvolvimento social do grupo em que compartilham saberes. Esse processo de descrever e evidenciar suas práticas e técnicas necessárias para o desenvolvimento social conceitua o termo Etnomatemática, que propõe o estudo em conjunto das diversas matemáticas existentes.

A Etnomatemática ou “etno”, “matema” e “tica”, descreve não a valorização do conhecimento matemático de cada grupo cultural, mas uma totalidade de saberes que

deve ser valorizados, próprios de cada cultura. A ação de procura do conhecimento matemático nas especificidades culturais percorre um processo de descrição, preocupação e cuidado, o qual proporciona a valorização de seus saberes e fazeres matemáticos.

Baseando-se na compreensão do “saber/fazer matemático” destas culturas, sua compreensão faz com que percebamos a riqueza cultural existente e o quanto a matemática envolvida mesmo que não seja reconhecida num espaço formal ou científico é totalmente necessária para o grupo de indivíduos.

5.2 ETNOMATEMÁTICA NO ASSENTAMENTO RURAL

Os assentados percebem que fazem parte de um grupo, algumas vezes excluído, que passaram por um processo de aquisição de terras, em processos diferentes de vários outros. Alguns presenciaram mortes, fome, choro, miséria, tristeza, essa luta não se define como simplesmente uma briga ou guerra, mas a construção de experiências que envolvem sofrimento e após um grande alívio.

Durante o acampamento se iniciaram diversas relações sociais, além de várias determinações ou “regras” próprias do acampamento, que vai compondo sua bagagem cultural, pois mesmo que o termo assentamento seja definido a várias organizações territoriais, cada assentamento especificamente possui características, ideias e conhecimentos distintos, os quais os adjetiva, qualifica, diferencia, e isto chamamos de cultura. Essa bagagem cultural se constrói durante a vida no lote e as relações sociais e de produção estabelecidas entre os assentados, criam-se costumes e regras, que para eles passam a ser atividades rotineiras.

Como sabemos a matemática está presente em diversas atividades, as quais mesmo que os assentados não percebam a praticam diariamente, eles calculam, quantificam, realizam proporções, calculam o lucro ou o prejuízo, ou seja todo esse conjunto de conhecimento matemático praticado ou não por outras pessoas descrevem suas maneiras de pensar e agir, revelam o que acreditam e tem como verdade, esse conjunto de características, de conhecimento matemático praticado, define sua própria Etnomatemática.

Essa Etnomatemática origina das ideias de cada assentado, que durante o dia a dia no acampamento se difundiu, sendo transmitida entre todos, as ideias viraram um

todo, caracterizando como especificidades dessa comunidade social. Essa transmissão ocorre num processo percebível ou não, que se difundi durante suas atividades e relações dentro de seus lotes.

6. ENTREVISTAS: ORIGEM DO CONHECIMENTO, APRENDIZADO, ATIVIDADES PRODUTIVAS E AS RELAÇÕES SOCIAIS NO ACAMPAMENTO

Sobre a origem do conhecimento matemático e o aprendizado presente no acampamento, percebemos que os entrevistados, não percebem esse período como forma de aprendizado originário do acampamento, mas algo que eles se apropriaram antes ou depois. Podemos justificar este ponto de vista pela ideia errônea de grande parte da sociedade de que a educação ocorre se tiver a presença da escola. Eles não notaram, mas suas falas apontam que a igreja, movimentos sociais e principalmente a família, são formativos.

O aprendizado no acampamento varia desde a construção de suas barracas, às experiências nas tarefas coletivas, à diferença nas formas de se cuidar da alimentação, higienização dos utensílios, banho, entre outros, vários conhecimentos foram adquiridos e construídos. Mesmo que talvez não se propusesse que esse conhecimento fosse construído nestas circunstâncias de luta foi necessária para que conseguissem permanecer e reproduzir um estilo de vida que fosse favorável e confortável naquele momento. A coletividade das ações, mesmo que estivesse fortemente presente neste período, posteriormente, muitos optaram pelo trabalho individual.

As atividades nos lotes promovem diversos tipos de conhecimentos, muitas das vezes matemático, que se desenvolvem a partir das necessidades e opções de produção no lote. Organização de lavouras, gado leiteiro, criação de animais para corte, venda de mão de obra para outros lotes. Essas atividades podem ser desenvolvidas a partir de cada aspecto cultural e costume do assentado, ou pode ainda refletir algumas práticas que foram necessárias para a permanência durante o acampamento.

Durante o acampamento, mencionaram ainda que o futebol também os encantavam, devido a quantidade de pessoas presentes no acampamento, organizam-se em vários times e dessa forma se interagia. Aponto que durante as entrevistas em nenhum momento mencionaram aspectos ruins quanto ao tempo de acampamento,

apresentam somente boas lembranças do que tudo aquilo representou e das amizades fortalecidas. Pontuam a presença marcante várias congregações religiosas no ambiente do acampamento. A visão de mundo e as relações pessoais são constituídas tendo como base a sua igreja, que são diferentes na sua essência. Nisto notamos que os assentados, a partir de seus relatos, demonstram organização quanto a tudo o que acontecia em seus barracos e com as outras famílias, durante alguns diálogos mencionaram que de vez em quando acontecia algum conflito, mas típico de um conjunto de pessoas com opiniões diferentes, mesmo que lutem pelos mesmos ideais.

7. ENTREVISTAS: QUE CONHECIMENTO MATEMÁTICO?

As atividades no lote podem refletir ou não os processos de luta vivenciados durante o período do acampamento e mesmo que os assentados tenham passados por vários momentos que envolvam um conhecimento enriquecido de cultura e história, talvez não o considerem como tal. A origem de um conhecimento matemático devido a alguma necessidade no lote pode ocorrer frequentemente e pode ser sanada pela ajuda de alguns vizinhos, busca de recursos nos centros urbanos, ou ainda aqueles que por conta própria e fazendo uso da internet, tentam sanar suas dúvidas. As práticas no lote podem envolver desde atividades que envolvam processos individuais ou familiares, não incluindo assentados de outros lotes, até a colaboração de outros vizinhos, com a mão de obra, troca de dias ou até pagamento diário, quinzenal ou mensal. (BERGAMASCO E NORDER, 1996).

De acordo com os relatos dos entrevistados, podemos perceber que os assentados não “enxergam” a matemática por toda parte e não por que ela não exista, mas não a encaram como um conhecimento matemático. Ao exemplificar, não conseguem se recordar de quais atividades seria necessário algum conhecimento deste tipo.

Desde a infância aprenderam que conhecimento matemático é aquele desenvolvido na escola, que envolve equações e tabuada. Seu conhecimento matemático, sua Etnomatemática tenha sido sufocado nos relatos orais, pois na prática, mesmo não percebendo como argumenta D’Ambrosio (p. 22, 2002) “A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando [...]”. No dialogar, demonstram conceitos matemáticos necessários no dia

a dia, porém, ao realizar as perguntas anteriormente a gravação, me questionavam sobre o que seria um conhecimento matemático, concordando assim de sua existência, anteriormente negado. Mesmo que mencionássemos exemplos, não conseguiam correlacionar com outras atividades.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa que se iniciou com as leituras dos referenciais teóricos fui sendo motivada pelos diversos trabalhos apresentados na área, além de perceber por meio do convívio social que os assentados estudados transparecem diversos valores culturais, imbuídos de diversos aspectos e especificidades, que os fazem pertencer de um sistema cultural próprio do assentamento. Isto é o que denominamos de sistema cultural.

Pontuamos que, contrariando a literatura apresentada, os assentados não carregam consigo características específicas do período em que estiveram acampados⁷ consideram como origem do conhecimento necessário para suas atividades oriundos das relações familiares, além do mais, o que mais me incomodou, argumentarem a falar de conhecimento matemática nas atividades praticadas, uma matemática não percebida/compreendida pelos mesmos, percebo que as instituições formais de ensino “sufocam” e menosprezam a Etnomatemática dos alunos. Este seria um dos motivos o qual não conseguiram exemplificar o conhecimento matemático presente, mesmo que afirmem sua existência superficialmente.

Ao retomar ao objetivo de pesquisa, sendo o mesmo: “analisar nas relações sociais e produtivas os pressupostos da Etnomatemática no assentamento Che-Guevara”, percebo que os assentados são compostos por um olhar matemático sufocado pelas medidas sociais, que consideram esse conhecimento desprovido do rigor abstrato e sistematizado encontrado nas instituições formais de ensino.

Percebe-se ainda que existem uma infinidade de relações sociais desde o acampamento num nível maior de coletividade e agora no lote mais individualmente. De forma geral estas relações sociais presentes neste assentamento rural tecem um emaranhado de conhecimentos, também matemáticos que foi impossível mensurar. Do ponto de vista dos sujeitos não há percepção quanto a origem, difusão e transmissão do

⁷ Afirmamos isto do ponto de vista das respostas dadas as entrevistas, mas sabemos que não existe momento algum que o ser humano deixa de aprender;

conhecimento matemático. Mas isto é normal para um grupo de pessoas que não estão preocupadas e inseridas numa pesquisa acadêmica.

Neste sentido, admitimos que o objetivo da pesquisa foi alcançado pois pudemos perceber que no sistema cultural do assentamento entendemos e visualizamos que as relações sociais e produtivas são tecidas, num primeiro nível pela família, depois igreja, escola e na relação com os vizinhos. A Etnomatemática sendo a própria cultura dos assentados, estabelecida, “forjada” nas relações sociais e produtivas, o qual materialmente se constroem na transmissão de pai para filho, de uma tradição religiosa, do professor para o aluno e do vizinho mais experiente para outro. O que garante o sucesso dessa investigação está na própria conceituação da Etnomatemática, das diversas maneiras de entender, explicar e os modos de fazer da comunidade. Então a Etnomatemática está presente, desde que exista pessoas se relacionando e ensinando uma as outras.

Na problematização da pesquisa, quais os processos de origem, difusão e transmissão do conhecimento matemático no sistema cultural do Assentamento Che em Itaberaí, Goiás? Acrescentamos que os processos de origem, difusão e transmissão do conhecimento matemático, se deram por grande parte da relação familiar e ainda pela escola. Os conhecimentos necessários para o dia a dia são compostos por ensinamentos vindos do chefe familiar e que só posteriormente presenciaram na escola. Segundo esta pesquisa, percebe-se que os assentados vêm a escola como uma instituição que os apresenta diversos conteúdos matemáticos, mas aqueles necessários para as relações sociais e atividades produtivas, são originados, difundidos e transmitidos no seio familiar.

Ao pesquisar-se um meio tão complexo que envolve, luta, fome, miséria, sofrimento, desistência e esperança, tem-se o cuidado de não analisar somente aspectos verbais, mas perceber como eles descrevem, seu modo de agir, de sentirem-se bem ao contribuir, de perceberem a matemática que desenvolvem diariamente, mesmo que não seja a que “observaram” nas escolas.

Concluo que, a pesquisa despertou em mim a vontade de não finda-la, da mesma se transformar em pesquisas mais profundas, além de contribuir com tantas outras, enfim, entender a Etnomatemática de assentados, envolve vontade, força e realização. Olhar-se para o mundo e não se imbuir do papel de “salvador da pátria”, mas despertar-se para entender os processos culturais presentes na NOSSA matemática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. P. **Os Assentamentos Rurais de Reforma Agrária: novos espaços educativos no campo brasileiro.** In: Congresso Nacional de Educação de Pessoas Adultas, 2, 2005. Anais do Congresso Nacional de Pessoas Adultas, São Carlos: CREPA, 2005. Disponível em www.ufscar.br/...por...educativo/.../juliana_Araujo.doc.

BERGAMASCO, M. S.; NORDER, L. A. C. **O que são assentamentos rurais.** São Paulo : Brasiliense, 1996. – (Coleção primeiros passos; 301)

BERTTI, M. S. **Memória Coletiva e Educação em Assentamentos Rurais Goianos.** Universidade Federal de Goiás FE/UFG, 2002.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade.** Coleção Perspectivas em Educação Matemática, Autêntica, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2002.

MEDEIROS, S. L.; LEITE, S. **A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticas públicas.** Porto Alegre/Rio de Janeiro. Ed. Universidade/UFRGS/CPDA, 1999.

MELO, T. B.; FANTINATO, M. C. C. B.; THEES, A. SILVEIRA, A.; SOARES. G. A. O. **Programa Etnomatemática como Humanizador do Ensino de Matemática.** Universidade Federal Fluminense, 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2016. (Séries Manuais Acadêmicos)

SANTANA, M. L. **A luta pela posse da terra no projeto de assentamento Che-Guevara no município de Itaberaí-GO e sua realidade socio-economica e ambiental.** Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, 2008.